



SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Teorias e Metodologias

“PELA MÃO DAS CRIANÇAS: METODOLOGIAS EM CONSTRUÇÃO”

ALMEIDA, Ana Nunes de
Agregação em Sociologia
Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL)
ana.nunes.almeida@ics.ul.pt

CARVALHO, Diana
Mestranda em Sociologia
Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL)
diana.carvalho@ics.ul.pt

DELICADO, Ana
Doutorada em Sociologia
Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL)
ana.delicado@ics.ul.pt

ALVES, Nuno de Almeida
Doutorado em Sociologia, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia
Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL)
nalmeidaalves@iscte.pt

Resumo

O referencial recente dos estudos sociais da infância, em que as crianças são vistas como actores competentes que contribuem activamente para a produção do seu contexto envolvente e lhe atribuem significado, tem uma tradução metodológica na investigação: dar-lhes voz é uma prioridade, na medida em que possuem uma perspectiva única acerca da sua condição de vida. Neste âmbito, tem-se assistido ao desenvolvimento de pesquisas e métodos inovadores de carácter inclusivo e participativo de forma a conseguir captar as experiências e perspectivas das crianças.

Assim, e com referência a uma etapa do projecto “Crianças e Internet”, a decorrer no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian), pretende-se apresentar uma reflexão exploratória a propósito da utilização de metodologias qualitativas de cariz etnográfico. Foram estudadas 30 crianças residentes na Área Metropolitana de Lisboa, provenientes de meios sociais distintos, entre os 10 e os 14 anos de idade. Optou-se pela combinação de múltiplas técnicas: observação em casa e do cenário tecnológico doméstico; recolha e interpretação de fotografias e *print-screens* tiradas pelas crianças sobre as suas actividades no computador e na internet; e realização de *focus-groups*, onde as informações individualmente recolhidas foram postas à discussão do grupo. O objectivo principal é portanto, a partir destes resultados, apresentar e discutir algumas potencialidades e obstáculos das técnicas utilizadas.

Abstract

The recent framework of the social studies of childhood, where children are seen as competent actors that contribute actively to the production of their surrounding context and give it meaning, has a methodological translation in research: giving them voice is a priority, as they have a unique perspective about their living conditions. In this context, we have seen the development of innovative research and methods, of an inclusive and participatory nature, in order to capture the experiences and perspectives of children.

Thus, with reference to a phase of the project “Children and Internet”, in progress at the Institute of Social Sciences, University of Lisbon (funded by Calouste Gulbenkian Foundation), we aim to present a critical reflection concerning the use of qualitative methodologies with ethnographic nature. 30 children living on the metropolitan area of Lisbon were studied, from different social backgrounds, aged 10 to 14. We chose a combination of multiple techniques: observation at home and of the domestic setting of technologies, a collection and interpretation of photographs and print-screen images taken by children of their activities on the computer and the internet, and the conduction of focus groups, where the information individually collected was put into panel discussion. The main objective is therefore, from these results, explore and present some potentialities and obstacles of the methods used.

Palavras-chave: crianças, metodologias qualitativas, métodos visuais

Keywords: children, qualitative methodologies, visual methods

PAP0777

Apresentação e Objectivos

Este texto tem por objectivo tecer algumas considerações de teor metodológico sobre o uso de técnicas etnográficas num projecto de investigação sobre crianças e internet. Pretende-se apresentar uma reflexão crítica a propósito da utilização destas metodologias com e sobre as crianças. Assim sendo, em primeiro lugar contextualiza-se o projecto de investigação, para depois enquadrar teoricamente as escolhas metodológicas, que se apresentam de seguida de forma detalhada. Apresenta-se por fim uma súmula das principais potencialidades, obstáculos e desafios das técnicas utilizadas.

Um projecto em curso

Este trabalho está inserido no projecto “As Crianças e a Internet: usos e representações, a família e a escola”, coordenado por Ana Nunes de Almeida, financiado pela Fundação Gulbenkian, e que decorre desde 2008 no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL)¹. O projecto centra-se genericamente nos usos, apropriações e representações infantis da internet, a partir dos seus contextos privilegiados de circulação: a família e a escola.

Assim sendo, os objectivos de investigação desdobram-se em:

- Captar os modos de transmissão dos saberes que as crianças detêm sobre o computador e a internet;
- Descrever os contextos do quotidiano em que o seu uso ocorre;
- Compreender os objectivos da sua utilização;
- Reconstituir o universo das representações infantis sobre a internet;
- Perceber e explicar como os usos e as representações da internet variam nas crianças, consoante a idade, o sexo, e a origem social.

O projecto desenvolveu-se em diversas fases, metodologicamente distintas. A primeira, que se realizou entre Maio e Junho de 2008, privilegiou uma abordagem quantitativa e extensiva, com a aplicação de um inquérito por questionário a uma amostra de cerca de 3000 alunos do ensino básico, do 4º, 6º e 9º anos, de 60 escolas públicas e privadas, de áreas contrastantes do país. A segunda contemplou um olhar mais qualitativo e compreensivo, através da realização de entrevistas a uma amostra de cerca de 160 crianças, diversificada por idade, género e origem social, em Lisboa, no Porto e em Viseu, entre Outubro de 2009 a Março de 2010. Foram adicionalmente efectuadas 50 entrevistas a pais e 50 entrevistas a professores. Houve depois a necessidade de desenvolver uma fase complementar, de natureza mais aprofundada, incorporando uma combinação de métodos e técnicas de cariz etnográfico, que decorreu de Março a Junho de 2012. Dela nos ocupamos nos pontos seguintes.

O estudo das crianças e as novas metodologias de investigação

A decisão de acrescentar uma terceira fase mais aprofundada ao projecto deveu-se essencialmente à necessidade de explorar o cenário tecnológico doméstico, e de observar as crianças nesse contexto, isto é, vê-las em acção, captar onde e como utilizam o computador e a internet. De facto, uma das constatações mais relevantes que obtivéramos nas fases anteriores prendia-se com a profusa e abundante presença de *media* em casa, intensa e diversamente utilizados pelas crianças (Almeida et al, 2008), ilustrando-se aqui também a afirmação de Livingstone (2002) segundo a qual: “the home is being transformed in a site of a multimédia culture”. Descritos os equipamentos, os lugares, os saberes e as actividades através de palavras e discursos, faltava porém captá-los em imagem e em movimento, ao vivo e *in situ*, observar actores concretos, gestos e rotinas de uso.

Mais ainda, o desafio era ultrapassar algumas limitações que as abordagens convencionais evidenciam junto das crianças e jovens. Tanto o inquérito como a entrevista, que privilegiam a palavra, partiam de um guião relativamente pré-construído, generalista e simples, de modo a abranger franjas de crianças com idades e condições muito distintas. Ora, algumas respostas (sobretudo as das mais novas) revelaram-se demasiado curtas e lacónicas, de conteúdo pobre e linguagem pouco expressiva. Experimentar outra metodologia de

abordagem ao tema, de modo a penetrar por outra via no universo infantil, surgiu como uma necessidade e um desafio. De facto, a sociologia da infância sublinha a importância de a pesquisa se centrar nos seus protagonistas. O “novo paradigma da infância” (James e Prout, 1997), encara a criança como actor competente e credível, que contribui activamente para a produção do seu contexto envolvente e lhe atribui significado. Isto é, teoriza a criança como produtora, ou pelo menos co-produtora, e intérprete do seu quotidiano (Corsaro, 2005). As crianças merecem ser estudadas por direito próprio, de forma autónoma face à perspectiva dos adultos; são “*being in the present*”, e não apenas “*adult in the making*” (Harden, 2000). Metodologicamente, este ponto de partida implica dar-lhes voz na investigação, na medida em que possuem uma perspectiva única acerca da sua condição de vida e do mundo que as rodeia.

Contudo, dar um exclusivo na investigação à voz das crianças, captada através dos tradicionais métodos de inquirição, possui limitações que vale a pena equacionar. A literatura mais recente tem efectivamente debatido a necessidade de inovar neste domínio, através da aplicação de métodos mais criativos (Einarsdottir, 2005; Hill, 2006; James, 2007): para se descobrirem novas e diferentes maneiras de “ouvir” as crianças, o investigador deve saber improvisar e ousar constantemente; é importante basear a recolha de informação em modalidades e instrumentos de comunicação preferidos pelas crianças, mais sensíveis às suas competências ou interesses, e assegurando uma balança de poder mais simétrica entre elas e o adulto-investigador. Assim, têm-se concebido e desenvolvido, e com bastante popularidade, métodos e técnicas claramente centrados na criança, de carácter participativo e inclusivo, de inspiração etnográfica (Christensen, 2004), os quais se revelam particularmente úteis para captar as suas experiências quotidianas, perspectivas e interpretações singulares.

Em pesquisas sobre e com as crianças, destaca-se o potencial da abordagem etnográfica (envolvendo designadamente a observação em contexto) e do recurso aos métodos visuais que captam formas de expressão não-verbais e, ao estimularem uma maior participação e interpretação livre, asseguram uma relação menos assimétrica entre investigador e sujeito investigado. (Thomas e O’Kane, 1998). Como escreve H. Warming (2011): “in order to represent young children’s perspectives in an ethically sound manner, it is necessary to combine the ‘voice approach’ with ethnomethodological insights”. Só o cruzamento e articulação de várias técnicas de pesquisa permitem aceder às diferentes dimensões da vida das crianças e obter retratos mais finos e ricos do seu quotidiano (Corsaro, 2005).

A observação em casa: amostra e procedimentos

A 3ª fase do projecto abrangeu assim 30 crianças residentes na Área Metropolitana de Lisboa, com internet em casa. Delimitou-se a amostra a crianças entre 9 e os 14 anos de idade, distribuídas de forma equivalente por cada um dos escalões etários: 9/10 anos; 11/12 anos; e 13/14 anos. Metade das crianças era do sexo feminino e metade do sexo masculino. Provinham de meios sociais distintos, isto é, 15 de contextos sociais favorecidos, cujos pais são profissionais liberais, especialistas das profissões intelectuais e científicas e técnicas ou quadros dirigentes, empresários, detentores de qualificação superior; e outras 15 de contextos socioeconómicos inferiores, filhos de operários, trabalhadores administrativos ou do comércio e serviços, com níveis de instrução igual ou inferior ao 12º ano.

Tabela 1 - Composição da amostra

| | | Escalão etário | | | | | | |
|---------|-------------------------------|----------------|------------|------------|---|----|--|----|
| | | 9/10 anos | 11/12 anos | 13/14 anos | | | | |
| Rapazes | Nível socioeconómico inferior | 3 | 2 | 2 | 7 | | | 15 |
| | Nível socioeconómico superior | 2 | 3 | 3 | 8 | 15 | | |

| | | | | | | | |
|-----------|-------------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|----|----|
| Raparigas | Nível socioeconómico inferior | 2 | 3 | 3 | 8 | 15 | 15 |
| | Nível socioeconómico superior | 3 | 2 | 2 | 7 | | |
| | | 10 | 10 | 10 | 30 | | |

Durante o processo do recrutamento da amostraⁱⁱ obteve-se a autorização para a participação das crianças no estudo através da assinatura de formulários de consentimento informado, por parte das crianças e também dos respectivos encarregados de educação. Os documentos explicavam o âmbito do estudo, os seus objectivos, as “regras do jogo”; neles se teciam também considerações éticas, garantindo a confidencialidade e o anonimato das crianças, a das suas famílias, e a de todo o material recolhido. A negociação da privacidade da criança (Mauthner, 1997) foi cuidadosa: a observação e a inquirição teriam de ser feitas sem a presença de familiares, de modo a dar espaço para a revelação de “segredos” de que os adultos (pais) não têm conhecimento.

Foram de seguida distribuídas às crianças máquinas fotográficas descartáveis. Pediu-se-lhes que tirassem cerca de 12 fotografias aos seus computadores, aos sítios onde os utilizam, aos objectos que estão à sua volta, e também aos sítios e objectos preferidos em casa.

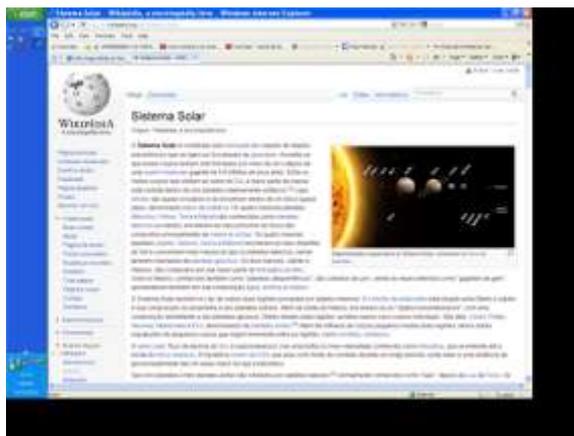
Figura 1 - Cartões com as instruções para tirar as fotografias

| Crianças até aos 12 anos | Crianças com 12 anos ou mais |
|---|--|
| <p><i>Imagina que tens um/a amigo/a muito longe na China e que ele/ela quer saber o lugar do computador e da internet em casa. Como não falam a mesma língua terás que lhe contar por fotografias. Vimos assim pedir-te que tires 12 fotografias a:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - o computador ou os computadores que usas normalmente em casa para ir à internet - os sítios em casa onde costumás utilizá-lo - as coisas em casa que estão à volta do computador - os teus objectos preferidos em casa - os teus sítios preferidos da casa <p><i>É muito importante que sejas só tu a escolher o que queres fotografar, sem pedir ajudar ou opiniões aos mais crescidos. Tudo o que escolheres para nós está bem escolhido!</i></p> <p><i>Obrigada! ☺</i></p> | <p><i>Imagina que tens um/a amigo/a chinês/a que nunca veio a Portugal e que ele/ela quer saber o lugar do computador e da internet em casa. Como não falam a mesma língua terás que lhe enviar fotografias. Vimos assim pedir-te que tires 12 fotografias a:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - o computador ou os computadores que usas normalmente em casa para ir à internet - os sítios em casa onde costumás utilizá-lo - as coisas em casa que estão à volta do computador - os teus objectos preferidos em casa - os teus sítios preferidos da casa <p><i>É muito importante que sejas só tu a escolher o que queres fotografar, sem pedir ajudar ou opiniões a ninguém. Tudo o que escolheres para nós está bem escolhido!</i></p> <p><i>Obrigada! ☺</i></p> |

Assim que as crianças terminavam esta actividade, as máquinas fotográficas eram devolvidas à equipa e as fotografias reveladas. Seguiu-se então a ida a casa pela bolsa de investigação do projecto. Durante as visitas, procedeu-se à observação da casa, registaram-se descrições e impressões gerais sobre o espaço doméstico, o *gatekeeper* e a sua atitude no acolhimento da entrevistadora, os sítio/s onde decorreram as interacções, e ainda impressões gerais sobre a criança e sua personalidade. Realizaram-se também entrevistas individuais, gravadas na sua totalidade em registo áudio, sem a presença dos pais ou de outros elementos familiares. As entrevistas tiveram a duração aproximada de uma hora (mais longas com as crianças mais novas, mais curtas com as mais velhas).

As entrevistas dividiam-se em duas partes. A primeira incluía a interpretação das fotografias tiradas pela criança. Cada criança criava um álbum, onde colava cada fotografia, escrevia uma legenda, e explicava a razão pela qual a tirara, estimulando-se depois a reflexão à volta dos assuntos que ela evocava na conversa. A segunda parte da entrevista realizava-se em frente ao computador que os participantes utilizavam com mais frequência. Efectuou-se uma recolha de imagens *print-screen*, retractando as suas principais actividades na internet e no computador; à medida que estas operações se iam realizando, a criança era encorajada a explicar cada uma delas. Incluíam exemplos dos seus diversos usos - lúdicos, educativos, comunicativos, e outros.

Figura 2 - fotografias e *print screens* – alguns exemplos





Este é o meu computador, e rato, e a cadeira do computador
 Rapariga, 11 anos



Rapaz, 11 anos



O jardim é um sítio confortável onde eu posso estar com os meus amigos e também as vezes brincar com a minha cadela.
 Rapariga, 14 anos



3 favoritos



Depois de concluída a fase das visitas a casa, foram realizados *focus groups* com as mesmas crianças. Foram efectuadas seis sessões de discussão em grupo com uma média de cinco participantes em cada, em sala própria da empresa “The Research Makers”, gravadas em registo audiovisual, e moderadas pela mesma pessoa que os entrevistou em casa. Os grupos foram constituídos com crianças do mesmo escalão etário, mas combinando género e condições sociais distintos. E enquanto as entrevistas individuais se centraram mais nas suas práticas, nos *focus groups* destacou-se a discussão e confrontação de representações e opiniões infantis, de forma a poder recolher dados mais abrangentes e complexos do que o que foi possível com os encontros individuais. Os grandes tópicos nestas discussões prenderam-se com as temáticas da casa tecnológica e da centralidade da internet no quotidiano de cada um; as vantagens e desvantagens do uso da internet; as relações intergeracionais entre crianças e adultos (competências, proficiência e poder), em torno da internet; e também as desigualdades de uso da internet entre as crianças, nomeadamente em termos de clivagens introduzidas pela idade, sexo e condição social. No final das discussões de grupo foi dado um incentivo a cada participante, um *voucher* FNAC ou Continente de 60 euros.

Técnicas em discussão: potencialidades, obstáculos e desafios

Tendo como base o processo metodológico acima descrito, apresenta-se de seguida uma reflexão que pretende delinear as principais potencialidades, obstáculos e desafios encontrados.

Para começar, salienta-se a fluidez e naturalidade com que decorreram as interações com as crianças, essencialmente porque foi criado um ambiente *child-friendly*, que estimulou e facilitou a conversa. As condições propiciadas deram aos participantes um maior controle do tempo e do espaço para falarem sobre os seus assuntos, na medida em que se lhes concedeu a oportunidade de criarem os próprios dados e interpretá-los, de forma interactiva, informal, livre, e também divertida. Isto deve-se essencialmente a três factores.

O primeiro relaciona-se com o espaço em que decorreram as entrevistas. Acreditamos que o facto de terem sido realizadas nos próprios contextos domésticos (sempre no quarto ou na sala), um espaço que os participantes dominam e no qual se sentem à vontade, se traduziu em vantagem.

O segundo factor prende-se com o uso das fotografias e dos *print screens*. Por um lado, porque elas resultavam de operações tecnológicas simples e rápidas que são do gosto das crianças e onde elas se revelam particularmente competentes; a tarefa reconhecia, ainda, a sua pró-actividade, autonomia e poder na selecção e construção do material que consideravam importante para a investigação (Cook, Hess, 2007). Por outro, porque as fotografias serviram como *warmup*, meio para encorajar a criança a falar, permitindo-lhe discorrer de forma mais criativa e informal. Ao contrário de uma entrevista, em que há frente a frente directo entre adulto e criança e a palavra puxa a palavra, aqui era o objecto *child-made* que orientava a conversa e servia de intermediário entre entrevistador e entrevistado.

Vale a pena destacar também a importância do material visual recolhido, as fotografias e imagens *print screen*, quando se pretendem explorar contextos predominantemente não verbais, como é o caso dos cenários tecnológicos domésticos. Não só porque documentam a evidência empírica, mas também porque as imagens permitem que os participantes comuniquem e se expressem através de palavras, mas também de forma não verbal, através de imagens e das acções que realizam para as “mostrar”.

Por fim, ressalva-se também aqui a dimensão *activity-oriented* que estas técnicas pressupunham. As actividades de tirar e colar fotografias, escrever legendas, mostrar *sites* no computador entusiasmaram e estimularam a conversa, de forma mais natural e fácil: não era pedido às crianças para falarem no vazio, mas sim com as coisas diante de si. Muitas vezes, a observação e a discussão trouxeram tópicos inesperados para o investigador e permitiram um aprofundamento mais complexo de temas genéricos a partir do significado que lhes era imposto pelas crianças.

Um dos exemplos mais curiosos prendeu-se com a importância da variável “género” na configuração das práticas de uso da internet. Nas etapas anteriores, ser rapaz ou rapariga não parecia mostrar-se uma variável decisiva para estruturar clivagens digitais na amostra de inquiridos ou entrevistados (Almeida et al, 2011).

Apenas os jogos, e a grande distância as redes sociais, realçavam uma discreta diferença de género. Há jogos para rapazes (os de desporto, automóveis, estratégia e violência), há jogos para raparigas (de moda, lar e cuidados a outros); e as raparigas usam ligeiramente mais as redes sociais do que os rapazes (embora se constate também que os jogos masculinos envolvem redes e comunicação do mesmo tipo). Porém, se houve dimensão que se impusesse na fase de observação foi justamente a do género: a visualização das fotografias impunha a realidade de um inconfundível mundo intimista de detalhes, decorações e gadgets a cor de rosa (o das raparigas), por contraste com um cinzento e metálico cenário tecnológico puro e duro (o dos rapazes).

Vale ainda a pena sublinhar a importância da figura do entrevistador neste processo. As entrevistas foram todas realizadas por uma investigadora bolsista do projecto, do sexo feminino e com idade não muito distante dos participantes (22 anos). O facto de ser, parecer, e agir, jovem, facilitou a adopção de um papel “menos adulto” do investigador (Mandell, 1988). Assim, as características e autoridade adultas são minimizadas, o que acreditamos ter facilitado a entrada em casa e a criação de proximidade e confiança com as crianças, e atenuado a distância e assimetria de poder entre estas e o investigador, factor que surge muitas vezes como um dos principais obstáculos neste tipo de pesquisas. Um indicador de tal proximidade foi o facto de muitas das crianças tanto tratarem a investigadora por “você” como por “tu”. Este estatuto juvenil terá portanto permitido o acesso a áreas sociais, perspectivas e significados infantis que não seriam revelados perante um interlocutor percebido como adulto (Warming, 2011). Notou-se, porém, alguma dificuldade na criação de empatia na interacção com as raparigas mais velhas; estas mostraram-se mais reservadas e distantes, como se quisessem zelosamente resguardar a sua intimidade de um olhar intruso.

A característica jovem da entrevistadora mostrou ser prejudicial noutras situações, em particular no que toca à imposição da autoridade perante os *gatekeepers* da criança. Houve uma mãe que não respeitou a regra de a entrevista ser realizada a sós com a filha, interferindo constantemente nas interacções entre entrevistador e entrevistado. E houve um pai que não concordou com a mesma regra, dirigindo-se à entrevistadora de forma autoritária e agressiva. No entanto, estas situações foram pontuais; a grande maioria dos *gatekeepers* abriu as portas de sua casa e recebeu-nos de forma acolhedora.

Estes dois casos referidos ocorreram com famílias de classe superior, meio onde os pais se mostraram particularmente vigilantes. Eram os que pediam mais informações sobre o projecto, telefonando ou exigindo *emails* institucionais de confirmação ou informações mais detalhadas sobre o âmbito do estudo, a obrigatoriedade da conversa ser realizada em casa, os destinos a dar às fotografias que os filhos tiravam. É um resultado que condiz, de resto, com dados das etapas anteriores: são os pais com níveis altos de escolaridade aqueles que mais procuram controlar e impor regras de uso da internet (Almeida et al, 2011.).

Um dos maiores obstáculos ao estudo prendeu-se com a reduzida disponibilidade de tempo dos pais e das crianças. A conjugação de um horário em que os pais já estivessem em casa, mas que não interferisse com a hora do jantar e depois a de deitar, não foi nada fácil de encontrar. Por esta razão houve, durante o decorrer do trabalho de campo, muitas remarcações e algumas desistências; cerca de oito crianças seleccionadas tiveram de ser substituídas. A maioria destas desistências afectou crianças de meios sociais favorecidos. Houve também por isso a necessidade de realizar muitas das visitas a casa em dias de fins-de-semana e feriados.

Isto leva-nos a reflectir sobre como se pode fazer etnografia e observação demorada nas sociedades contemporâneas do Ocidente, em que os espaços são tão privatizados e os tempos fragmentados. De facto, a falta de tempo acabou também por limitar a observação. A entrevistadora teve de se sujeitar aos horários muito rígidos de crianças com uma agenda preenchida, entre trabalho escolar e lazer. E se, com as crianças mais novas (que executavam as tarefas a um ritmo lento), era possível observar o cenário através de visitas mais longas, com as crianças mais velhas (rápidas, diligentes, mais faladoras) o tempo para a observação viu-se substancialmente reduzido.

Um outro problema, mais de carácter técnico, surgiu com o uso das máquinas fotográficas descartáveis e não digitais, com as quais as crianças estão mais familiarizadas. Em primeiro lugar, a sua aquisição é dificultada pela reduzida oferta no mercado e escassez de postos de revelação. Depois, aquelas não eram de fácil e intuitiva utilização: envolviam ligar um botão para o *flash*, esperar uns segundos, tirar a fotografia, e no fim

girar uma peça até travar, de forma a rodar o filme e passar para a fotografia seguinte. Por vezes recebíamos rolos vazios ou em que as fotografias eram uma mancha escura, tínhamos de dar outra máquina e pedir o mesmo exercício; muitas vezes, as crianças comentavam que não tinham saído todas as fotos que haviam tirado, o que de resto as desiludia. Estes problemas reflectem de facto o reduzido uso que as mesmas têm actualmente, o que permite ponderar se não valeria a pena arranjar no futuro alternativas viáveis a estes instrumentos.

Os *focusgroups* encerraram esta última fase do projecto. Correspondem a uma técnica de pesquisa que recolhe dados através de uma interacção de grupo sobre tópicos propostos pelo investigador. São cada vez mais utilizadas por investigadores que sustentam a importância da “participatory research” com crianças, de modo a ultrapassar práticas mais convencionais, objectivas e distanciadas de abordagem da realidade (Bagnoli e Clark, 2010).

Entre as potencialidades desta técnica, registamos a oportunidade que oferece ao investigador de complementar uma perspectiva mais individualista (que resultava das entrevistas e observação em casa) com outra mais “colectivista” (Brotherson, 1994). A produção de informação faz-se através da interacção social e não apenas a partir de uma colecção ou somatório de atitudes e opiniões individuais. Conforme tivemos ocasião de referir, os grupos de 5 crianças foram constituídos a partir de um critério (a idade), mas depois eram mistos e juntavam crianças de meios sociais diferentes. O objectivo era criar um terreno em que houvesse discussão, controvérsia e diferença. O facto de não se conhecerem antes não pareceu ser intimidatório: mais libertos da pressão conformista do grupo de pares (Morgan et al, 2002), tiveram ocasião de se exprimir com desenvoltura e independência, beneficiando do ambiente seguro e infantil que os rodeava, em que só a investigadora era adulta. Quando, no arranque da entrevista colectiva, o debate não acontecia, os participantes eram convidados a escrever num cartão as “coisas boas e as coisas más” que associavam à internet; a informação era depois comentada pela investigadora que através dela iniciava o debate. O expediente revelou-se útil para quebrar o gelo e dinamizar a interacção. Entre as dificuldades encontradas, assinalamos a de manter as crianças centradas no tópico e em evitar derivações para outros temas; e de assegurar que todas as crianças tivessem oportunidade de falar.

A concluir

Um dos grandes desafios que agora temos pela frente, aliás comum às pesquisas que recorrem aos métodos visuais, é tratar a abundância e diversidade de material recolhido, a partir da concepção de um método de análise de conteúdos simultaneamente imaginativo, mas sistemático e rigoroso.

Apesar de ainda não termos mergulhado na análise profunda dos dados, apercebemo-nos já que estas metodologias trouxeram contributos novos e complementares aos resultados obtidos anteriormente. Parece-nos que é justamente neste sentido que a investigação sobre a infância deve caminhar: nenhum método isolado, por si, poderá garantir uma representação multidimensional dos recantos da infância a estudar. Impõe-se não só uma permanente reflexão metodológica sobre modos de adequar a teoria à realidade no caso da investigação com crianças, como o uso e cruzamento tão alargado quanto possível de técnicas de recolha da informação.

Bibliografia:

Almeida N.A., Alves N.A. and Delicado A. (2008), *As crianças e a internet: relatório de um inquérito*, Lisboa: ICS, Fundação Calouste Gulbenkian.

Almeida N.A., Alves N.A. and Delicado A. (2011), *As crianças e a internet - relatório da 2ª fase do trabalho: entrevistas a crianças, pais e professores*, Lisboa: ICS, Fundação Calouste Gulbenkian.

Bagnoli, A., & Clark, A. (2010). Focus groups with young people: a participatory approach to research planning. *Journal of Youth Studies*, 13(1), 101–119. doi:10.1080/13676260903173504.

- Brotherson, M. J. (1994). Interactive Focus Group Interviewing: A Qualitative Research Method in Early Intervention. *Topics in Early Childhood Special Education*, 14(1), 101–118. doi:10.1177/027112149401400110.
- Christensen, P. (2004). *Research with children: perspectives and practices*. Londres: Routledge.
- Cook, T., & Hess, E. (2007). What the Camera Sees and from Whose Perspective: Fun methodologies for engaging children in enlightening adults. *Childhood*, 14(1), 29–45. doi:10.1177/0907568207068562.
- Corsaro, W. (2005). *The Sociology of childhood*. Thousand Oaks: Pine Forge Press.
- Einarsdottir, J. (2005). Playschool in pictures: children's photographs as a research method. *Early Child Development and Care*, 175(6), 523–541. doi:10.1080/03004430500131320.
- Harden, J. et al. (2000). “Cant’ talk, won’t talk?: methodological issues in researching children”. *Sociological Research Online*, vol 5 (2). <http://www.socresonline.org.uk/5/2/harden.html>.
- Hill, M. (2006). Children's Voices on Ways of Having a Voice: Children's and young people's perspectives on methods used in research and consultation. *Childhood*, 13(1), 69–89. doi:10.1177/0907568206059972.
- James, A. (2007). Giving Voice to Children's Voices: Practices. *American Anthropologist*, 109(2), 261–272. doi:10.1525/AA.2007.109.2.261.262.
- James, A. and Prout, A. (1997). *Constructing and Reconstructing Childhood*. Londres: Falmer Press.
- Livingstone, S. (2002). *Young People and New Media*. London: Sage.
- Mandel, N. (1988) The Least-Adult Role in Studying Children, *Journal of Contemporary Ethnography* 1988 16: 433, DOI: 10.1177/0891241688164002
- Mauthner, M. (1997). Methodological aspects of collecting data from children: lessons from three research projects. *Children & Society*, 11(1), 16–28. doi:10.1111/j.1099-0860.1997.tb00003.x.
- Morgan, M., Gibbs, S., Maxwell, K., & Britten, N. (2002). Hearing children's voices: methodological issues in conducting focus groups with children aged 7-11 years. *Qualitative Research*, 2(1), 5–20. doi:10.1177/1468794102002001636.
- Thomas, N., & O’Kane, C. (1998). The ethics of participatory research with children. *Children & Society*, 12(5), 336–348. doi:10.1111/j.1099-0860.1998.tb00090.x.
- Warming, H. (2011). Getting under their skins? Accessing young children's perspectives through ethnographic fieldwork. *Childhood*, 18(1), 39–53. doi:10.1177/0907568210364666.

ⁱ Para todos os detalhes, consultar o site: <https://www.crinternet.ics.ul.pt/icscriancas/>

ⁱⁱ A cargo da empresa “The Research Makers”